



PONTOS NODAIS DA ECONOMIA DE ALFENAS

INTRODUÇÃO AOS SERVIÇOS BANCÁRIOS

*Cezar Bononi*¹

*Isabela Santos*²

*Leopoldo Lima*³

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo principal debater a dinâmica dos serviços bancários na Praça Getúlio Vargas, localizada na cidade de Alfenas-MG. Desta forma resgata-se a história da formação da cidade e o seu processo histórico, ressaltando a centralidade e importância da Praça Getúlio Vargas, buscando levantar questões de seu desenvolvimento e a sua importância para o desenvolvimento histórico, político e econômico do município em questão.

A praça Getúlio Vargas e as ruas adjacentes foram tomadas como objeto de estudo por ser um ponto nodal da economia Alfense e concentrar a maior massa comercial sendo palco da maioria dos eventos culturais e cívicos do município.

Este trabalho é resultado da disciplina de Geografia Econômica, do curso de Geografia ministrada pelo Professor Doutor Gil Porto que orientou os discentes a promover estudos e abordagens sobre os espaços dinâmicos, do ponto de vista econômico, da cidade de Alfenas. Planejando-se criar condições para que os futuros geógrafos e professores de Geografia articulassem teorias e conteúdos discutidos em sala de aula à realidade empírica destes espaços.

¹Cezar Augusto Bononi (cezar-bononi@hotmail.com) é aluno do curso de Bacharelado em Geografia da UNIFAL; ²Isabela Garcia Santos (isabelagsantos@outlook.com) é estudante do curso de Bacharelado em Geografia pela UNIFAL; ³Leopoldo Graciano Lima (leopoldolima@gmail.com) é graduando do curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal e Alfenas;



OBJETIVOS

O presente artigo tem como objetivo entender a dinâmica dos serviços bancários na Praça Getúlio Vargas, um ponto nodal da economia do município de Alfenas-MG. Para tanto foram resgatados aspectos históricos sobre a formação da cidade tendo como centralidade a Praça Getúlio Vargas, bem como dados estatísticos do IBGE, visitas à campo, pesquisas bibliográficas e entrevistas com os cidadãos.

METODOLOGIAS

A partir das bases fornecidas por geógrafos críticos, seguimos no presente trabalho o método dialético-histórico. Inicialmente foram feitas buscas de arquivos em órgãos municipais e estaduais, centros culturais e outros. Na sequência foram pesquisados dados estatísticos e informações publicadas em livros e jornais. Foram priorizados a busca por artigos que fizessem referência ao estudo da instalação das agências bancárias no sul de Minas procurando entender o movimento de desenvolvimento econômico da região e suas centralidades nas microrregiões incluindo a da cidade observada.

Foram realizadas visitas a campo que possibilitaram o maior contato com o objeto estudado e um convívio com pessoas e famílias que muito puderam contribuir para o desenvolvimento do estudo.

RESULTADOS PRELIMINARES

O Estado de Minas Gerais teve, a partir do início do século XX, rápido desenvolvimento e expansão dos serviços bancários. Isso ocorreu devido a expansão da economia cafeeira, tendo o sul de Minas como principal atuante nas atividades do setor primário, ou seja, na agricultura cafeeira. Em 1872 a região contava com 260.000 habitantes, já em 1907 este número passou para 730.000 habitantes. Assim podemos perceber um repentino crescimento populacional que reflete a fase da expansão cafeeira.



Até meados do século XIX eram os bancos fluminenses que ofereciam serviços bancários aos mineiros. O sistema bancário de Minas Gerais começou a desenvolver-se na década de 1910, e só foi consolidado na década de 1920 (COSTA, 1978). Isto criou um ambiente propício para o desenvolvimento intensivo do estado de Minas Gerais, uma vez que, com a consolidação do sistema bancário mineiro, o sistema bancário fluminense enfraqueceu. Ligando Minas Gerais diretamente com o estado de São Paulo.

Podemos, a partir destes fatos, associa-los com a necessidade de serviços bancários para suprir as demandas da gigante economia gerada pela produção do café. Segundo SANTOS, 2008, pg. 106 “O banco cobre o conjunto das atividades do circuito superior” (da economia).

“Os bancos financiam indiretamente as atividades agrícolas, particularmente aquelas cujos laços com o exterior são dominantes, como a agricultura de exportação. Esta as vezes beneficia-se de créditos sazonais para o financiamento de colheita” (ENGBERG em SANTOS, 2008). Temos como exemplo o banco SICOOB, gerando soluções financeiras por meio do cooperativismo para o produtor rural.

Segundo dados da Conab obtidos no site da EMBRAPA, o café é “a principal commodity de exportação do agronegócio mineiro”. Só em Minas Gerais foram produzidas 22,6 milhões de sacas de café em 2014, correspondendo a 50% da produção brasileira. Sendo o Sul de Minas e a região centro oeste mineira as regiões que obtiveram maior produção.

A geograficidade que pode explicar a implementação dos bancos no sul de Minas, consiste na interação entre as economias paulista e sul mineira. Por isso os bancos da região do sul de Minas, entre as décadas de 1910 e 1920 se alinhavam acompanhando a divisa de estado com São Paulo. Assim foi iniciado o processo de investimentos bancários nas cidades produtoras de café. Em Alfenas esse processo é ilustrado a partir da criação do Banco Hipotecário e Agrícola em 1931, que fornecia financiamentos voltados para os agricultores. Com o mesmo público alvo, foi fundado o Banco da Lavoura, também em Alfenas.



Houve a criação de outros bancos que não se destacavam tanto na produção cafeeira ou industrial. Visando a organização da região, temos como exemplo, as cidades de Varginha, Pouso Alegre e Guaxupé. No período de 1909 a 1930 foram criados 35 bancos no sul de Minas, mantendo uma ordem de centralidade devido ao processo de urbanização. A implementação dos bancos na região, para não seguir com um viés determinista, também foi influenciada por diferentes dinâmicas, resultantes das articulações do transporte, de relações mercantis e culturais dos fazendeiros e comerciantes locais.

No caso do nosso município de estudo, Alfenas, temos a Praça Getúlio Vargas cumprindo o papel de centralidade desde o início da formação da cidade, sendo o primeiro ponto a receber investimento privado e público para o desenvolvimento de sua estrutura. Encontramos em seu perímetro construções e prédios onde funcionaram os primeiros bancos e as prestações de serviços públicos durante décadas.

Como conta o excelentíssimo senhor prefeito Maurilio Peloso (adm. 2013-2016) a prefeitura, diferente de antigamente, não conta com recursos suficientes para instalar edificações de secretarias e departamentos responsáveis pela prestação de serviços à população na região central da cidade (Praça Getúlio Vargas). No início de sua construção, prédios como a Prefeitura Municipal foram construídos e funcionavam todos no perímetro da praça, ocupando os lotes mais valorizados da região. Este fato pode ser explicado pelo advento da economia na região.

Desde 1964, a família Orsi possui o comércio “Loja da Perlita” na Praça Getúlio Vargas, comércio que trabalhava com armarinhos, bijuterias e roupas. Nesse período haviam cerca de cinco lojas na praça que ofereciam serviços semelhantes. O lado da praça onde o comércio da família Orsi está instalado (onde há a Caixa Econômica e o Banco Mercantil do Brasil), sempre teve o aluguel mais caro que os outros três lados da praça, até mesmo pela maior quantidade de pessoas circulando.

Onde antes era apenas um povoado, planejado de acordo com a centralidade da construção religiosa, agora passa a ser um pólo comercial e de prestação de serviços de diversas naturezas. Com isso, há a tendência desses serviços públicos se instalarem em espaços cada vez mais periféricos, por questões orçamentárias. Por outro lado, os



serviços particulares com finalidade de lucros, têm a possibilidade de se instalarem nesses pontos centrais, uma vez que estes dependem também de regiões com maior circulação de pessoas.

Fato que ilustra tal ideia é a localização dos bancos no centro da cidade onde os bancos privados como Itaú, Santander e Mercantil do Brasil e os públicos Caixa Econômica Federal e Banco do Brasil estão localizados ao redor da praça Getúlio Vargas. Outros bancos como o Bradesco, HSBC, SICOOB, Itaú, Lotéricas, Correios e correspondentes bancários se encontram nas ruas adjacentes à Praça. O único banco que se encontra exterior à essa região é outra unidade da Caixa Econômica Federal que está localizada na Av. Jovino Fernandes Salles, no bairro Pinheirinho. Esse “escape” da Caixa Econômica é explicado pela maior demanda aos bancos de caráter público no município estudado, conforme afirma Santos, 2008 em:

Entretanto, de um modo geral, e como em Serra Leoa, por exemplo (Ridell, 1970), a atividade bancária privada é precedida pelos das agências financeiras de caráter público, como os correios, as caixas econômicas e mesmo os bancos estatais. O banco privado só tem um papel pioneiro para apanhar a poupança das zonas em que se desenvolvem atividades assalariadas ou que tem rendas monetárias

Portanto, percebemos a centralização dos serviços bancários ao redor da praça principal de Alfenas e nas ruas à ela adjacentes como produto da concentração de serviços e comércios, de atividades remuneradas advindas de empresas que se concentram na região, bem como resultado da historicidade e da religiosidade que são muito presentes na cidade, fazendo com que a área em torno da Igreja que está localizada na praça Getúlio Vargas, se torne o principal ponto da economia terciária em Alfenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, o século XIX foi marcado pelo início do sistema bancário e no século XX ele se consolidou. No Sul de Minas o avanço do sistema bancário se deu após o



rompimento do Estado com o Rio de Janeiro, passando a ter uma relação com o estado paulista. Esses bancos tiveram suas sedes e cidades próximas às cidades paulistas, remetendo uma ligação forte entre as economias mineiras e paulistas.

Analisando as informações obtidas para a elaboração deste artigo, através de um resgate histórico em um primeiro momento, pesquisas bibliográficas, atividades em campo, entrevistas e outros métodos de pesquisa, podemos concluir que a centralidade da localização dos bancos de Alfenas se deve à concentração de outros serviços que também movimentam a economia alfenense. Bem como a especulação imobiliária que faz com que os imóveis aos arredores da Praça Getúlio Vargas sejam acessíveis apenas as pessoas e empresas de grande poder aquisitivo.

BIBLIOGRAFIA

- CHAVANTES, Ana Paula. **Consolidação do sistema bancário em São Paulo na década de 1920**. Dissertação de Mestrado: Unicamp-Campinas, 2004.
- MEGDA, André Vieira, **Uma Análise Histórica dos Bancos do Sul de Minas Gerais 1900-1930**, Trabalho de conclusão de curso, Minas Gerais, Universidade Federal de Alfenas, 2002.
- BESSA, Antônio Luiz de. **História financeira de Minas Gerais em 70 anos de República**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Fazenda, 1981.
- FREIRE, Felisbello Firmo de Oliveira. **História do Banco do Brasil**. Rio de Janeiro: Typ. D'O Economista Brasileiro, 1907.
- SANTOS, Milton, **O Espaço Dividido**, São Paulo, 2ª edição, Editora Edusp, 2008, p. 103-106.
- ALBINO, Washington. **Perspectivas Atuais da Economia Mineira**. In: II Seminário de Estudos Mineiros. UFMG, Belo Horizonte, 1957.